

Dirigentes de multinacionais são a favor de eleição direta

5 JAN 1984

São Paulo — Favoráveis às eleições diretas para Presidente da República, ao livre mercado e a uma renegociação mais ampla da dívida externa, os dirigentes das multinacionais instaladas no Brasil estão de acordo que 1984 será um ano difícil. Jean Avril, diretor-geral da Rhodia, admite até uma nova maxidesvalorização do cruzeiro.

O JORNAL DO BRASIL ouviu alguns destes executivos: Don Wilson, presidente da Anderson Clayton; George Stewart, presidente da Good Year; Robert Gerrity, presidente da Ford Brasil; e Jean Avril, diretor-geral da Rhodia. Estas empresas, em conjunto, exportarão mais de 70 milhões de dólares e investirão cerca de 300 milhões de dólares. Elas empregam mais de 40 mil pessoas.

Multinacionais e a política

Dom Wilson é favorável a eleições diretas: "Só através do voto direto é que se consegue uma democracia. Com ela, deveremos ter também o livre mercado". Avril é de opinião que não adianta discutir eleições diretas ou indiretas: "O que importa é ter candidatos à altura". Stewart também é favorável a eleições diretas. Gerrity prefere não se manifestar a respeito e destaca: "A democracia é o principal".

Os empresários norte-americanos consideram que a próxima visita ao Brasil do Secretário de Estado George Schultz pode ser um ponto importante para a melhoria do relacionamento econômico entre Brasil e Estados Unidos: "Vamos cobrar dele as sugestões encaminhadas ao Secretário do Tesouro, Donald Regan, e que visam a aprimorar o relacionamento econômico com o Brasil", afirmou Robert Gerrity.

Robert Gerrity, presidente da Ford Brasil: "Grupos de trabalho formados pelos presidentes Reagan e Figueiredo fizeram estudos e deram sugestões aos dois Governos. Nada foi feito de prático até agora. Estamos cobrando".

Gerrity, que também é presidente da holding Ford Indústria e Comércio, que controla a Ford Brasil e a Philco, considera que as dificuldades econômicas deverão persistir em 1984. Ele mostra um estudo, desenvolvido pela sua empresa, em que prevê-se uma queda de 7% na comercialização de veículos no País em 1984: "Ao invés de vender mais do que as 740 mil unidades de 1983, vamos ficar em 705 mil unidades, assim divididas: 590 mil automóveis, 67 mil caminhões leves e 38 mil caminhões pesados".

— Mesmo assim — observou — a Ford deverá crescer 3% no mercado,

aumentando sua participação, que hoje é de 24%.

Segundo o presidente da Ford, as maiores preocupações das empresas estrangeiras, que "não pretendem sair do Brasil e vivem uma fase de transição", são o controle de preços, a centralização do câmbio, a burocratização e a busca de um maior diálogo com a Secretaria Especial de Informática: "o diálogo sempre dá certo, por isso, deve ser cultivado".

Dom Wilson, presidente da Anderson Clayton: "O Brasil precisa de uma folga para pagar a sua dívida. Eventualmente isso não será alcançado este ano. Vai ocorrer com o novo Governo".

Dom Wilson, presidente da Anderson Clayton e **chairman** do Comitê Econômico da Câmara Econômica de Comércio Norte-Americana, seção de São Paulo, explicou que, no momento, sua empresa faz um plano estratégico de ação para os próximos cinco anos no Brasil: "Há cautela na elaboração desse plano estratégico. Será flexível, com os investimentos regulados pela situação econômica. Desta maneira poderão ser evitadas surpresas desagradáveis".

Defendeu também a liberdade vigiada no controle dos preços "com ou sem o CIP (Controle Interministerial de Preços)". Explicou que hoje a indústria nacional na área de alimentos é mais eficiente e tem feito o possível para reduzir seus custos, usando embalagens menos onerosas.

— Quanto à dívida externa brasileira, entendo que no próximo Governo deverá ser renegociada a um custo mais barato. O Brasil oferece hoje riscos menores, então o custo do dinheiro deve ser menor para ele. Para o México, por exemplo, é menor. O Brasil precisa reduzir o custo para poder diminuir o pagamento do serviço da dívida — afirmou.

Destacou ainda que o país deve buscar na agricultura um importante ponto de apoio para arrumar a economia interna: "O país pode produzir hoje o dobro do que produz na área agrícola".

Jean Avril, Diretor Geral da Rhodia: "Os indicadores econômicos no nosso orçamento deste ano previnem a respeito da possibilidade de uma nova maxidesvalorização do cruzeiro.

Avril destacou que a Rhodia — empresa controlada pela estatal francesa Rhône Poulenc e o Governo francês — acredita no Brasil. Um exemplo prático: O Grupo investirá este ano 40 milhões de dólares. "Ainda recentemente nossa matriz nos enviou recursos de 8 milhões de dólares. Tenho certeza de que outras empresas francesas pretendem continuar

investindo no país. Ninguém quer sair daqui".

Ele está preocupado com o controle de preços e acredita que poderá persistir após 30 de março, a próxima data anunciada pelo governo para sua extinção:

— No mês de fevereiro as autoridades prometeram que o controle de preços seria extinto em 30 julho. Em agosto, foi estendido até o final do ano. No final do ano foi prorrogado até 30 de março. Não sei o que dizer. A indústria não é responsável pela inflação. Há uma distorção grande. Os custos industriais estão comprimidos — afirmou.

Sobre a lei de remessa de lucros, Avril frisou: "Para as empresas instaladas no país não é um desestímulo. Mas é um desestímulo para os novos investidores. As taxas de juros nos Estados Unidos são de 15% e só se permite a remessa de 12% do lucro. Existe, portanto, uma distorção".

George Stewart, da Good Year: "o controle de preços é uma coisa ruinosa para as empresas. Só causa distorções".

George Stewart, presidente da Good Year, comentando a declaração do banqueiro William Rhodes, do Citibank, de que dentro de sete meses haverá uma reativação na economia nacional, afirmou: Rhodes é um otimista. Creio que o Brasil enfrentará dificuldades ainda entre 1984/85. Vejo algumas áreas indo bem, como a agricultura e a indústria de caminhões que parece estar reagindo. As empresas instaladas no Brasil, de uma forma geral, têm que buscar na exportação uma saída para seus problemas". Afirmou.

— As grandes empresas multinacionais aqui instaladas não pensam em sair, mas ficam desestimuladas para fazer novos investimentos, principalmente por causa do controle de preços. A indústria de pneus tem uma defasagem nos reajustes de preços de 20 a 30 dias. Por que não restabelecer o critério de liberdade vigiada?

— Estamos trabalhando hoje da mão para a boca. Ninguém está fazendo estoque. Ele fica por nossa conta — explicou Stewart. O presidente da Good Year alertou ainda que existem muitos problemas a serem resolvidos em um país que deseja voltar à normalidade econômica e entre esses problemas está o excesso de burocracia para tudo".

Stewart disse que pouco há a falar a respeito de remessa de lucros hoje: "A lei brasileira é rígida e deve ser alterada até para atrair novos capitais. Mas por que falar em remessa de lucros, se não temos esse problema hoje? Não há lucros".